



TRÊS DÉCADAS MUITO BEM DESENHADAS

O premiado ilustrador e caricaturista Eduardo Baptista lançou livro para comemorar seus 30 anos de carreira
Pág. E4

Por que não?

Como grandes jornais,
O Extra.net lança seu
suplemento cultural
Pág. E2

Traçando o Brasil

A história registrada
em quadrinhos
Pág. E2

Mais um Tarantino

O estilo de um diretor
transformado em gênero
Pág. E3

Desde os primórdios

O desenho como
linguagem das crianças
Pág. E3



Foto: LC Leite

Um pouco de

Cada arte...

SE SIM, POR QUE NÃO?

O.A.
SECATTO

oasecatto@bol.com.br
www.oasecatto.com.br



Lembro-me como se fosse hoje daquele dia em que li pela primeira vez a crônica *Ciao*, de Carlos Drummond de Andrade, publicada em 29/09/1984, no Caderno B do *Jornal do Brasil*. Foi a despedida de suas “croniquices”, como escreveu. Eu começava, tantos anos depois do Drummond, a também “cronicar”, no então *Semanário* — hoje **O Extra.net**.

Poucas vezes me identifiquei tão profunda e prontamente com um texto — mérito do mestre Drummond. Pois vi em sua confissão um retrato meu: “um adolescente fascinado por papel impresso (...). Uma página bem diagramada causava-lhe prazer estético; a charge, a foto, a reportagem, a legenda bem-feitas, o estilo particular de cada diário ou revista eram para ele (e são) motivos de alegria profissional”.

Eu era — e sou — exatamente assim: apaixonado pela palavra escrita, pelo bom texto, bem escrito, mas também pela inexplicável beleza estética de sua apresentação, a diagramação que traz a “recôndita harmonia” da arte em seus mistérios — como cantou Cavaradossi, na *Tosca*, de Puccini — e, principalmente, a tipologia (a fonte tipográfica) escolhida. Como um confesso apreciador de papel impresso, a diagramação de inúmeros veículos nunca me passou despercebida.

Da mesma forma, aliado à indispensável estética, como habitual amante (amador) das artes — seja a literatura, a música, o cinema, a pintura —, sempre tive especial interesse pelo conteúdo cultural de jornais e revistas e mantive alentado o desejo de que houvesse um espaço exclusivo para ele.

Ao meu alcance, então, chegou o caderno *Sabático*, de *O Estado de S. Paulo*, que centrava a cobertura exclusiva de literatura — o restante das artes e entretenimento ficava para o *Caderno 2*. Mas o caderno circulou apenas de 13/03/2010 a 13/04/2013.

Era de certa forma uma heroica resurreição do *Suplemento Literário*, também do *Estado*, que circulou entre 1956 e 1974. À época, foi Antonio Cândido, crítico e professor de literatura, quem elaborou o projeto do *Suplemento*, que estreou em 06/10/1956, com, por exemplo, crítica elogiosa daquele à obra *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, e textos originais, como de Lygia Fagundes Telles.

Na apresentação daquela primeira edição — mantida a ortografia da época — lia-se: “(...) Mas uma publicação como a nossa define-se menos, talvez, pelo que é do que pelo que deseja ser. (...) Quer isto dizer que

o Suplemento quase não será jornalístico (...). Não visa substituir ou estabelecer concorrência com as secções mantidas pelo jornal, deixando a estas o encargo cotidiano de noticiar e criticar (...). O nosso objetivo é a literatura (...) a sua natureza é literária e, portanto, artística. Ora, não se comprehende arte sem plena liberdade de expressão e criação pessoal.”

Quando comecei a escrever neste jornal — em 2011 —, era inevitável o anseio por um espaço para abrigar algum conteúdo cultural com exclusividade. Então, algum tempo depois... O *Sabático* acabou.

O desejo, contudo, continuou. E a pergunta que ficou foi: se pudermos arriscar ter um caderno assim, por que não fazer? Por que não ter **O Extra.net** seu próprio suplemento cultural?

O surgimento oficial da Confraria da Crônica, em 2014, confirmou a disposição para a concretização do projeto, que contou com a ampla e imediata aprovação dos editores deste periódico. E a resposta àquelas anseios é o que agora você, leitor, tem nas mãos: o *Cultura!*

Nele, no primeiro sábado de cada mês — iniciando-se em fevereiro de 2016 —, o leitor



do já tradicional conteúdo de **O Extra.net** poderá desfrutar de textos literários, rese

nhas e críticas da mais ampla gama de expressões da cultura e da arte: literatura, música, teatro, cinema, artes plásticas e outras.

Como na apresentação da primeira edição do *Suplemento Literário*, reforço aqui a ideia que nos move: esta publicação define-se mais pelo que deseja ser do que pelo que é. O que não tira, em absoluto, o valor da tentativa.

Quadrinhos

OBRASILEM QUADRINHOS

ZÉ RENATO

O final da ditadura militar trazia consigo um ar de esperança. Havia uma transmutação atmosférica. Pairava sobre os brasileiros a esperança, ou melhor, a ilusão de que “as coisas seriam diferentes”. Esse sentimento desenhava-se desde a abertura política, a “anistia ampla, geral e irrestrita”.

Músicas, peças, filmes, livros, até programas de televisão “ressuscitaram” dos “porões da ditadura”.

Ao mesmo tempo, o início dos anos oitenta trouxe uma mudança tecnológica: os computadores. A partir de 1982 a *Folha de S. Paulo* efetuou uma revolução gráfica e tecnológica. A redação informatizara-se. Além disso, houve uma preocupação de rejuvenescer a linguagem do periódico.

Em meio a essas mudanças e ao novo “clima”, foi perceptível constatar o aumento significativo da leitura dos quadrinhos. Até então ocupavam um espaço pouco nobre, sem destaque, próximo ao horóscopo.

Funcionavam apenas como mera distração descompromissada ou, no máximo, sem repercussão.

Nomes como Angeli, Glauco e Laerte, no citado jornal, começam a ganhar uma relevância e notoriedade cotidianas.

Os cartuns de Glauco, as charges e quadrinhos de Angeli e Laerte passaram a traduzir os sentimentos populares, os novos anseios dos brasileiros, sobretudo do pú-



blico jovem, o qual engatinhava no hábito da leitura cotidiana dos jornais.

Assunto certo nas conversas engatadas nas mesas de botequins, espaços universitários, seus personagens ganhavam ares humanos.

No caso de Glauco: o casal Neuras, Geraldão, figuras idiossincráticas que capturavam atos e vilezas do *status quo*. Por meio desses lia-se Reich, Freud, Marx e um sem-número de intelectuais.

Angeli construiu quadrinhos — a princípio nominados de *Chicle com Banana* — nos quais se destacavam: “Meia Oito”, “Bibelô”, “Rebordosa” e “Bob Cuspe”. O primeiro era egresso dos anos sessenta, com discurso “revolucionário”, escancarava o anacronismo de suas postura e verborragia. Seu parceiro “Nanico” acabou ganhando destaque ao “assumir sua homossexualidade”; Bibelô é o arquétipo do machão: óculos Ray Ban, bigodão de cafajeste, camisa aberta até o umbigo, traduzia o *feeling* do macho pós seu crepúsculo, anunciado por Fernando Gabeira. Quanto a Rebordosa, era a “nova mulher”. Liberada sexualmente entregava-se aos excessos de todas as ordens, de cujas tintas imortalizaram o Bar Riviera e o garçom Juvenal. Finalmente, o punk Bob Cuspe trazia à tona o movimento que tardivamente surgia no Brasil, pós Sex Pistols. Em todas as tintas os quadrinhos de Angeli traduziam o “inconsciente coletivo” que permeava os sonhos e ilusões dos brasileiros, envolvidos naquela “nova onda”.

O trabalho de Angeli ganhou tamanha repercussão que durante um tempo contri

buiu com uma coluna na mesma *Ilustrada*, onde publicava seus quadrinhos.

Afora esse trabalho, Angeli ocupa-se de publicar charges eminentemente políticas na página dois do jornal. Algumas antológicas, como por exemplo, a notícia da chegada de Henry Kissinger, ex-secretário de Estado norte-americano e uma acerca do assassinato de dezenas de trabalhadores sem-terra no Pará.

Laerte produziu com Glauco e Angeli o HQ *Los três Amigos*. Angeli em trabalho solo produziu outro HQ: *Chicle com Banana*, do qual os personagens Wood e Stock transformaram-se em desenho de animação. O próprio Angeli tornara-se objeto de documentário.

Dessas penas foi possível revisitar o Brasil, com humor e inteligência. A lamentar: a morte trágica de Glauco — brutalmente assassinado por um psicopata impune — e a trágica constatação que os três morreram.



Palavra



“Para um poeta influir como Castro Alves na questão social, é preciso ter uma coisa que o Castro Alves tinha e nós não temos: uma coisa que se chamava gênio; nós temos apenas talento. (...) Valeu a pena ser poeta. Se me fosse dado escolher outra vida, eu escolheria a mesma, sem tirar nem pôr, com todos os contratempos.”

MARIO QUINTANA

NASCERU EM ALEGRETE (RS), EM 1906. AUTOR DE “A RUA DOS CATAVENTOS”, “O APRENDIZ FEITICEIRO”

E “A VACA E O HIPÓGRIFO”, DENTRE OUTROS. MORREU EM PORTO ALEGRE (RS), EM 1994.



Cultura! é uma publicação do jornal **O Extra.net**, concebida por O. A. Secatto com o apoio da Confraria da Crônica.

EXPEDIENTE

EDITOR: O. A. SECATTO

COLABORADORES: GIL PIVA,

JOÃO LEONEL, ZÉ RENATO E JACQUELINE PAGGIORO

DIAGRAMAÇÃO: ALISSON CARVALHO

Cinema

EM NOVO FILME, TARANTINO MANTÉM A EXPECTATIVA DOS DOIS TRABALHOS ANTERIORES

O estilo de um diretor transformado em gênero

GIL PIVA

É

muito provável que o diretor Quentin Tarantino tenha tido aulas com Syd Field (1935-2013), um dos mais respeitados professores de roteiro dos EUA, além de consultor de produtores renomados. Field foi autor do best-seller *Manual do roteiro* (Objetiva), onde se perpetuaram várias de suas técnicas de como tornar um roteiro acessível e consistente.

Entre as linhas mestras das lições de Field, uma parece ser levada à risca por Tarantino: "Um diretor de cinema pode pegar um grande roteiro e fazer um grande filme. Ou pode pegar um grande roteiro e fazer um filme terrível. Mas não pode pegar um roteiro terrível e fazer um grande filme". Para quem entende um pouco sobre o desenvolvimento do cinema, talvez essa seja a principal impressão que fica quando se assiste aos filmes de Tarantino.

Em *Os oito odiados*, Tarantino volta a traduzir em impactantes imagens suas ideias — tidas como fórmulas "reinventadas" de outras obras ou estilos que marcaram a história do cinema. Não importa se você o considera um artista "pop", bebendo da fonte de outros



Faroeste. John Ruth (Kurt Russell) e Major Marquis Warren (Samuel L. Jackson)

mestres, ou um despontado desafiante "cult". Seu modo de tratar a linguagem permanece sendo apuradamente agressivo, ou seja, os "sintomas" de suas criações colocam no centro uma profusão de detalhes que permitem explorar os dois vieses como complementares um do outro.

Com participação de um grande elenco, Samuel L. Jackson, Walton Goggins, Bruce Dern, Zöe Bell, Tim Roth, Kurt Russell, Demián Bichir, Channing Tatum e Michael Madsen, e sublinhado pela trilha de Ennio Morricone (que junto com os quatro primeiros nomes mencionados também intensificou *Django livre*), a expectativa de uma ressonância primorosa só aumenta.

Os oito odiados, ambientado no séc. XIX, logo após a Guerra Civil Americana, narra o encontro de oito caçadores de recompensa abrigados sob o mesmo teto durante forte nevasca. Pelo que tudo indica, a "maratona" (clássica) dos diálogos relem-

bra, em partes, o tom claustrofóbico de *Cães de aluguel*, de 1992, assemelhando-se, inclusive, até na suspeita do grupo sobre "alguém não ser quem diz ser".

Ressalva: o conflito dos diálogos que dá ritmo à trama de *Os oito odiados* persegue fatores de despojamento parecidos muito mais com *Django livre* e *Bastardos in glórios*, caminhando pelo tradicional sarcasmo e anuncianto uma linguagem estética cativa.

Por causa desse conjunto artístico que entrecruza diversão e aspiração interpretativa acerca do acabamento dramático nos filmes de Tarantino, *Os oito odiados* já é um dos longas mais aguardados para este ano. A estreia está prevista para dezembro, mas só deve chegar ao Brasil em janeiro de 2016.

Profecias. Dessa base astuta do diretor e o momento indicado para o lançamento do filme (poucos meses antes do Oscar), especulam-se assombrosas bilhete-

Tarantino volta a traduzir em impactantes imagens suas ideias

rias e indícios de indicações, tanto ao Oscar quanto em outros festivais.

Embora muito cedo para decifrações desse gênero sobre o futuro do filme, uma coisa é certa: tais hipóteses não são frágeis. Como bom roteirista e diretor competente, fica difícil imaginar Tarantino girando em círculos, sem manobrar a turbulência de suas histórias.

Assim descrito parece exagero, contudo não se pode esquecer que Tarantino não planta apenas bons filmes de tempos em tempos; seu cinema inventariou um novo formato de narrativas — um gênero que opera sobre si a responsabilidade de articular com as próprias máscaras da ficção cinematográfica.



Lenda. O diretor Quentin Tarantino



Arte

RISCOSE RABISCOS

JACQUELINE PAGGIORO

O tema principal desse primeiro projeto da Confraria da Crônica em parceria com o jornal O Extra.net é a entrevista com o Baptista, premiado ilustrador brasileiro. E para minha participação nessa ousada empreitada escolhi discorrer sobre um tema que tem a ver com a escolha profissional do protagonista e que é de fundamental importância para o desenvolvimento infantil: o desenho.

Quem convive com crianças pequenas invariavelmente já se viu diante de uma destas situações: uma folha com um emaranhado de riscos e rabiscos comprehensível somente para o autor da façanha; paredes, chão, sofá, móveis e outros lugares rabiscados com caneta, lápis ou giz; ou um presente com o desenho do pai ou da mãe, ou quem quer que seja, mais parecido com uma ameba ou um ET.

Este é o percurso natural de todo os seres humanos, em qualquer lugar desta nossa aldeia global; o que pode mudar é o suporte: cavernas, areia, argila, papel, tela — paredes e móveis incluídos.

De tempos imemoriais o desenho faz parte da cultura humana e é uma das mais antigas formas de expressão. Desde os primórdios da humanidade há sinais dessa representação — "o homem primitivo deixou sua marca nas cavernas, representou imagens, criou símbolos e registrou a sua história" — que atravessou as fronteiras de tempo e espaço e acompanhou a construção dessa grande aventura evolutiva. Assim, o ato de desenhar é compreendido como arte de liberar e compartilhar emoções para e com o mundo.

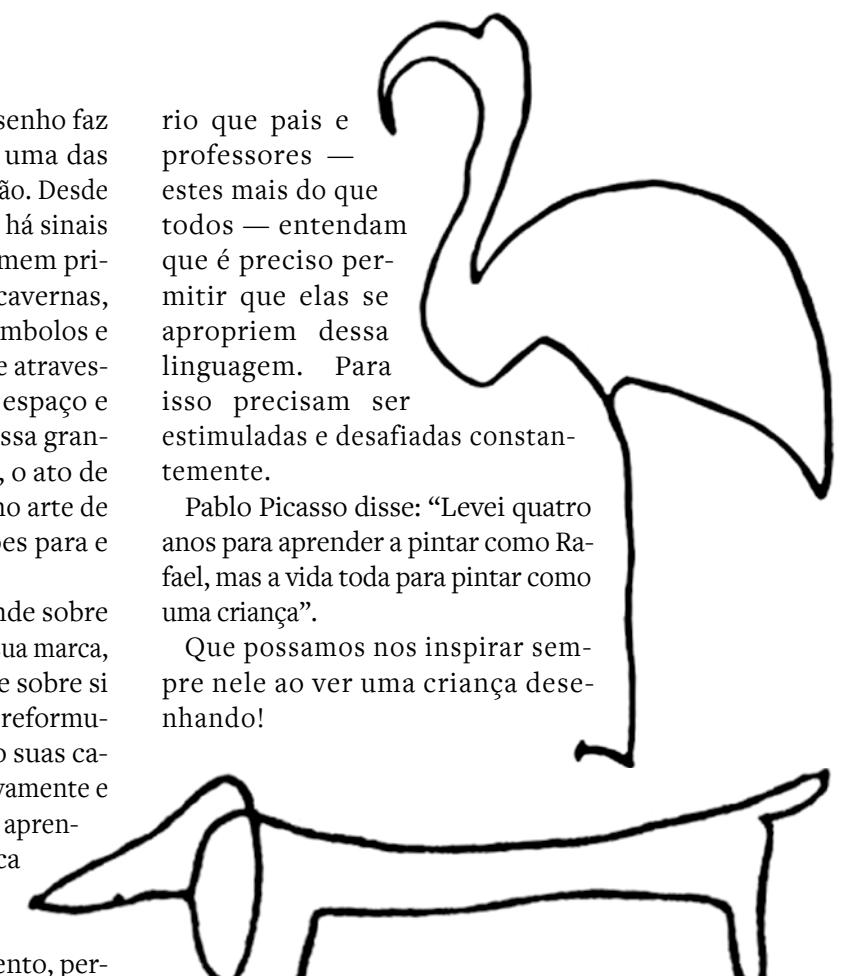
Ao desenhar, a criança aprende sobre sua própria humanidade, deixa sua marca, preenche sua história, aprende sobre si e sobre o mundo adquirindo e reformulando conceitos, aprimorando suas capacidades, envolvendo-se afetivamente e operando mentalmente; enfim, aprende e apreende. A artista plástica Edith Derdyk diz que "o olho, espectador dessa conversa entre a mão, o gesto e o instrumento, percebe formas".

Dante das cenas cotidianas, seja na escola ou em casa, em que crianças se utilizam dessa linguagem, é necessár-

rio que pais e professores — estes mais do que todos — entendam que é preciso permitir que elas se apropriem dessa linguagem. Para isso precisam ser estimuladas e desafiadas constantemente.

Pablo Picasso disse: "Levei quatro anos para aprender a pintar como Rafael, mas a vida toda para pintar como uma criança".

Que possamos nos inspirar sempre nele ao ver uma criança desenhando!



11

Capa

Comemorando seus 30 anos de carreira com o lançamento de livro, Baptista presenteou a primeira edição deste caderno com entrevista em que fala de sua trajetória



**THE ART OF BAPTISTÃO
30 YEARS**
Editora: Reference Press
(72 págs., R\$ 69,00, com o frete - referencepress.blogspot.com.br)

É uma ferramenta a mais, assim como as técnicas analógicas. Aliás, muita gente que está chegando agora nem sabe o que é técnica analógica (rs). Eu uso bastante a técnica digital, mas apenas para colorir e finalizar. Para desenhar, não abro mão do lápis, das canetas e do papel.

• Mesmo nos trabalhos digitais, você imprimiu uma identidade à sua técnica...

Aí aconteceu mais ou menos a mesma coisa que com o lápis de cor. Precisei encontrar o meu jeito de usar o Photoshop, que ficou diferente do lápis de cor, que não consegui reproduzir digitalmente. Aí também não inventei nada, apenas adaptei coisas que já tinha visto por aí para achar o meu jeito de trabalhar.

• Raramente há outros ilustradores na seção 'Caras & Bocas', do caderno 'Aliás', do Estadão (como, salvo engano, o Carlinhos Müller). É um espaço exclusivo seu?

Em jornal não dá para falar em exclusividade. Digamos que neste momento sou o titular das caricaturas da coluna. Aliás (sem trocadilho), esse é o único espaço que ocupo atualmente no Estadão. Mas posso ser substituído por algum colega numa eventualidade. Curiosamente, faço também na Veja esse mesmo trabalho de caricaturas para ilustrar frases.

• Por falar em Carlinhos Müller, amigo corintiano, qual sua opinião sobre a rivalidade das torcidas que acaba extrapolando os limites do esporte no campo?

Eu sempre encarei a rivalidade como algo saudável e necessário. Um clube não sobreviveria sem os seus rivais. E para mim rival é apenas rival, nunca um inimigo. Tenho grandes amigos corintianos (como o Carlinhos), são-paulinos, santistas, e respeito muito esses clubes. Quem trata o rival como inimigo, na minha opinião, demonstra ignorância e irracionalidade. Mas, infelizmente, você olha em volta e vê muito disso por aí.

• Como foi, após ser premiado na Bienal Internacional de Humor de Teerã, em 2005, ser convidado para ser jurado em 2007?

Foi uma grande surpresa, uma grande honra e um enorme frio na barriga, tudo isso ao mesmo tempo. A minha principal preocupação era como faria para me comunicar, já que o meu inglês é o básico do básico. Mas deu tudo certo, e foi uma experiência muito rica.

O Irã é uma grande escola de humor gráfico. Seria um grande arrependimento se não tivesse ido.



Entre as favoritas.

Caricatura de Stevie Wonder, premiada no Salão do Humor do Irã

• E o site, quando sai?

Já era para ter saído, estou atrasado (rs). Por enquanto, o velho blog, hoje inativo, ainda é o meu portfólio virtual. Mas ter um site se tornou uma necessidade, e, ainda que demore mais um pouco, ele vai sair.



Família.
Com a esposa Rosangela e os filhos Clara e Pedro

O.A. SECATTO

Poucas pessoas conseguem o traço distintivo que confere identidade própria ao seu trabalho. O premiado ilustrador e caricaturista Eduardo Baptista faz parte desse grupo seleto.

Paulistano da Mooca, Baptista é uma das referências nacionais da arte da caricatura. Já ilustrou livros infantis, como *Pra onde vai a escuridão quando a gente acende a luz*, de Paulo Borges (Pró Mais), e *Meu pequeno palmeirense*, com texto de Soninha Francine (Belas Letras), mas tornou-se mais conhecido pelo trabalho que publica no jornal *O Estado de S. Paulo* há 24 anos e, dentre outras, nas revistas *Carta Capital* (há 20 anos) e *Veja* (há 11 anos). Neste ano de 2015, em comemoração aos seus 30 anos de carreira, lançou o livro *Baptista 30 anos*, uma coleção de caricaturas de sua autoria publicada pela Reference Press. E, para a especial primeira edição deste caderno, concedeu uma descontraída entrevista, em que falou um pouco de sua história. Confira os principais trechos.

Já são 30 anos...

Pois é, voaram. Eu conto a minha carreira a partir do meu primeiro desenho publicado. Foi em 20 de janeiro de 1985, na *Folha de S. Paulo*.

O lançamento do livro em comemoração aos 30 anos de carreira é um sonho que se realiza? O que o público vai encontrar lá?

Sem dúvida. O projeto de um livro é muito antigo, e foi mudando na minha cabeça ao longo dos anos. Calhou de acontecer numa data redonda como essa, o que o torna ainda mais especial. Na verdade houve dois livros autorais antes desse, um livreto publicado apenas no Irã e um só de esboços, da série Sketchbook Experience, este também da editora Reference Press. Mas esse dos 30 anos é uma coletânea mais completa. O critério adotado por mim e pelo editor Ricardo Antunes não foi a cronologia, não houve a preocupação de abranger todo o período. A ideia

foi mesmo mostrar o que considero o melhor e mais importante da minha produção. São trabalhos publicados, na sua grande maioria, e também os que renderam os prêmios mais importantes que ganhei.

• Qual a importância da família na sua carreira? Foi na família a primeira influência para desenhar?

A família foi fundamental. Ter um pai e um irmão mais velho que desenhavam, além de um primo que desenhava comigo na infância, foi determinante para que eu desenvolvesse esse talento. Meu irmão funcionou como um professor informal, dando dicas e fazendo críticas para o meu aperfeiçoamento. Desenhar durante toda a infância e a juventude fez com que depois eu procurasse trabalhar nessa área. Mais tarde, a família que eu formei também foi fundamental, por me dar apoio e inspiração permanentes.

• Como entrou para a ilustração editorial?

Embora eu admirasse as ilustrações de livros, revistas e jornais, não estava bem certo de que seria esse o caminho que eu seguiria. Queria trabalhar com desenho, mas não sabia bem como. O desenho publicado na *Folha*, apesar de ter sido uma colaboração isolada, foi um grande impulso. Ilustrar o jornal da faculdade foi um bom laboratório. E os contatos que o meu irmão me passava, quando começou a trocar a ilustração pela computação gráfica, também ajudaram bastante. Mas foi o convite do *Estado*, em 1991, que sedimentou essa trilha.

• Especializar-se em caricatura foi no Estado?

Sim. Eu sempre gostei de desenhar retratos, mas foi no *Estado* que eu descobri o prazer de fazer caricaturas, por influência de colegas como Carlinhos Müller e Marcelo Pinto. Gostei tanto que acabei direcionando o meu trabalho quase que exclusivamente para essa vertente.

• Afinal, qual a importância da ilustração para o texto jornalístico?

A ilustração tem o seu lugar, que não é o mesmo da foto. Cada uma tem a sua função. A ilustração pode ser a porta de entrada para a

leitura de um artigo, pode passar uma informação, como quando aparece em infográficos, pode ser uma charge, que tem o peso de um editorial, ou pode ser uma caricatura que alegra uma página. A ilustração na imprensa tem importância histórica, embora nos últimos anos muitos veículos tenham escolhido diminuir o seu espaço para cortar custos.

• Há ou deve haver um limite ético para a criação, a caricatura, o humor?

O limite ético deve sempre estar presente, em qualquer atividade. Mas não se deve confundir limite ético com censura ou patrulhamento. O criador deve ter liberdade para se expressar, e deve usar o bom senso para filtrar suas ideias.

• Quais são suas referências artísticas?

Depois do meu pai e do meu irmão, as primeiras grandes referências de que me lembro são as ilustrações maravilhosas do Benício, e as de Manoel Victor Filho para a coleção do Sítio do Picapau Amarelo. Também foram muito importantes Paulo Caruso, Luís Trímano, Rocha, Carlinhos Müller, Marcelo Pinto, Dalcio Machado e muitos outros.

• Música Popular Brasileira é uma paixão? É a trilha sonora nas horas de trabalho?

Sim, é uma das minhas grandes paixões, além da família, do desenho e do Palmeiras. Tenho em casa um acervo grande de música, principalmente brasileira. Também na música o Brasil está no primeiro mundo. Ela funciona, sim, como trilha e inspiração para os meus desenhos.

• A técnica de lápis de cor, que é uma das identidades das suas ilustrações, é exclusiva criação sua?

Não inventei nada. Olápis de cor foi a saída que encontrei para a minha falta total de habilidade com pincéis. Apenas achei um jeito de pintar com o lápis de cor, que acabou se tornando uma marca do meu trabalho. Mas não foi invenção minha, foi apenas uma adaptação de uma técnica para o meu jeito de trabalhar.

• Até que ponto a tecnologia ajuda ou atrapalha o trabalho artesanal do ilustrador?

A tecnologia ajuda muito o trabalho do ilustrador.



Marca registrada. Algumas das caricaturas com o traço inconfundível de Baptista